

Blinken vende alternativa à China

Diplomata busca desfazer imagem de que Washington é parceira difícil

Igor Patrick

Journalista, mestre em Estudos da China pela Academia Tsinghua (Universidade de Pequim) e em Assuntos Globais pela Universidade Tsinghua

Desde que Lula deu os primeiros passos de seu terceiro mandato na diplomacia global, tenho observado aqui na Folha que um entendimento distorcido dele acerca de como o mundo tinha mudado desde 2017 vinha mudando a possibilidade de o Brasil arrancar vantagens de Estados Unidos e China na busca de ambos por influência.

Item, talvez eu esteja parcialmente errado, e a agenda de Antony Blinken, secretário de Estado americano que visitou o Rio de

Janeiro e Brasília na próxima semana, evidência isso. Não me entendam mal, é claro que há muito a ser explorado por Brasília na sua relação com os EUA. Os americanos ainda figuram no topo da lista quando o assunto é investimento estrangeiro direto, em termos de defesa ainda figuramos com aliado prioritário extra-Otan, e os dois países têm agendas com importância como a transição energética e a proteção do direito aos trabalhadores. Mas as

avertidas de colaboração têm se tornado cada vez mais estreitas. Ao contrário do que foi o caso nos tempos duros do século 20, não há clima político em Washington para atuar como financiador de projetos em infraestrutura. Joe Biden pouco pode fazer também em termos de doação sem a bênção de um Congresso dividido e paralisado por questões domésticas.

Além disso, diferentemente da China, onde o governo tem influência e participação acionária

na maioria das grandes empresas nacionais, o governo americano também tem pouco poder ao dizer para o mercado privado onde colocar capital. E por isso assim que a Ford dá aulas ao Brasil e sua fábrica na Bahia acaba nas mãos da chinesa BYD. O que resta então? Cooperação política-diplomática, quando os EUA foram os únicos responsáveis pelo veto a uma resolução brasileira na ONU que pediu punições humanitárias em Gaza? Negociações robustas pelo

clima, quando Donald Trump promete sair furando novos poços de petróleo no primeiro dia de um potencial segundo mandato (e com este discurso convence metade da população)? Talvez a verdade seja que, a despeito da ocasional desconfiança do Itamaraty com a dinâmica de uma "quase nova Guerra Fria", os EUA estejam aos poucos se tornando uma potência com quem é difícil trabalhar. A agenda americana foi tão engolida pela política doméstica e por duas guerras catastróficas que, exceto pelo foco na contenção da China na região de Indo-Pacífico e um mirrado apoio aos parceiros europeus contra a Rússia, resta pouco a oferecer.

Há anos, líderes no Sul Global reclamam jocosamente que voltam de Pequim com acordos de investimento e tratados comerciais, enquanto em Washington

recebem uma palestra sobre democracia e respeito aos direitos humanos — duas coisas, aliás, que vêm faltando, e já não é de hoje, aos próprios EUA.

O pragmatismo chinês, por outro lado, vem acompanhado de uma abordagem muito mais direta ao ponto.

Em conversa com jornalistas na sexta-feira, oficiais do Departamento de Estado americano disseram que, ao passar pelo Brasil para um evento ministerial do G20 sediado no Rio, Blinken quer mostrar que "os EUA ainda servem como opção poderosa e abundante e parceiros que nem sempre levam o interesse de outros países em consideração".

Se a frase cifrada fizer referência à China, tenho minhas dúvidas do sucesso desse discurso no Brasil. Em bom inglês que é para inglês entender: me nos paga, "show us the money".

Secretário de Estado dos EUA anuncia giro por Brasil e Argentina

Fernanda Perrin

WASHINGTON O secretário de Estado americano, Antony Blinken, vai viajar ao Brasil e à Argentina entre 20 e 23 de fevereiro. Em Brasília, ele tem encontro previsto com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Na reunião, marcada para o dia 20, o diplomata vai "enfatizar o apoio americano à presidência do Brasil do G20", de acordo com o Departamento de Estado. Outros temas na agenda são a parceria entre os dois países para direitos dos trabalhadores, lançada em Nova York no ano passado após bilateral entre Lula e Joe Biden na margem da Assembleia Geral da ONU, a cooperação na área de transição para energia limpa, e a celebração do bicentário das relações diplomáticas de EUA e Brasil.

A conversa deve tratar também do conflito em Gaza e da tensão na Venezuela, afirma o secretário-assistente do Departamento de Estado para o Hemisfério Ocidental, Brian Nichols. "Nós acreditamos que o Brasil, que tem sido vocal na tentativa de encontrar uma forma de desescalonar o conflito [no Oriente Médio] e caminhos para ajuda, é um importante parceiro nesse esforço, e compartilhamos nossas ideias e visões val ser crucial na conversa entre o secretário Blinken, o presidente Lula e o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, disse o diplomata. Em relação à Venezuela, Nichols elogiou o papel do Brasil nas tensões recentes entre o regime de Nicolás Maduro e a Guiana em relação à região de Essequibo.

"O presidente Lula é certamente ativo nesse front, sendo um país que faz fronteira com a Venezuela, tem laços e conexões importantes com as autoridades do governo Maduro, e é capaz de enviar mensagens-chave a eles. O governo brasileiro já expressou sua preocupação com a situação lá", afirmou, em referência a ações recentes contra opositores políticos de Caracas.

No Rio de Janeiro, Blinken participa do encontro de ministros das Relações Exteriores do G20 no dia 21.

Depois do Brasil, Blinken segue para Buenos Aires, onde tem um encontro previsto com o presidente argentino, Javier Milei.



O presidente Lula durante reunião com o premiê da Etiópia, Abiy Ahmed, em Adis Abeba

Com agenda vazia, Lula visita controverso premiê etíope

Líderes regionais cancelaram reuniões; brasileiro vai a cúpula da União Africana

Renato Machado

ADIS ABABA O primeiro dia de compromissos oficiais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na Etiópia, nesta sexta-feira (16), foi marcado por um encontro com o primeiro-ministro Abiy Ahmed, seguido de uma série de cancelamentos de última hora.

Lula teria três reuniões bilaterais e participação em um evento da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês). Todas foram canceladas sob justificativas de atrasos em voos e convocações para reuniões de emergência.

Único evento de grande relevância do dia, portanto, foi o encontro com o premiê etíope, ganhador do prêmio Nobel da Paz em 2019, hoje criticado por levar adiante uma guerra contra rebeldes de seu país.

Lula foi recebido em uma cerimônia oficial no palácio do governo, em uma de suas agendas bilaterais às margens da cúpula da União Africana,

que começa no sábado (17). O presidente chegou à sede do governo pouco antes das 11h, no horário local (3h em Brasília). Foi recebido com as cerimônias destinadas a chefes de Estado e depois se reuniu com Ahmed, por quem foi convidado para um almoço.

Ao contrário do encontro com o ditador egípcio, Abdel Fattah el-Sisi, a imprensa não teve autorização para acompanhar os eventos dentro do palácio e não houve declaração conjunta aos jornalistas. Segundo a assessoria de Lula, a agenda bilateral tinha como pautas a cooperação para o desenvolvimento e a promoção do comércio.

Lula também busca articular com países africanos apoio para a reforma das organizações internacionais, em particular econômica. Ela já havia tratado disso durante encontro com o Sisi, no Cairo, no início da viagem à África.

Abiy Ahmed, o premiê etíope, por sua vez, é considerado uma figura controversa

no cenário internacional. Em 2019, foi premiado com o Nobel da Paz por suas ações, já à frente do governo do país, para encerrar o conflito entre Etiópia e Eritreia.

No entanto, desde então, o seu caráter pacificador vem sendo colocado em xeque por outras guerras que levou adiante. Tropas federais estão atualmente usando drones para atacar grupos rebeldes no nordeste do país. Algumas or-

ganizações de direitos humanos denunciam o ataque como um genocídio em andamento.

Antes de seguir para a sede do governo, Lula foi até o memorial da Batalha de Adua, confronto no final do século 19 entre Etiópia e Itália, onde as forças etíopes derrotaram completamente os invasores italianos, marcando a primeira vitória africana contra uma potência europeia e preservando a independência etíope. O presidente brasileiro depositou flores e depois visitou o museu do memorial.

A tarde desta sexta seria toda destinada a encontros com líderes africanos. Estavam previstas inicialmente uma reunião com o presidente Bala Tsimba, que acabou não confirmando participação, com o presidente Quénia, William Ruto, que alegou atraso em seu voo; e com o presidente do Botsuana, Mmusi Maimela, que se atrasou por estar em outro encontro.

No fim da tarde, Lula seria

um dos chefes de governo a discursar em um evento da FAO sobre financiamento climático para a agricultura e segurança alimentar. No entanto, vários presidentes de países africanos foram convocados para uma reunião de emergência na União Africana, para discutir a escalada do conflito na região leste da República Democrática do Congo.

A equipe de Lula apenas teria tentado encaixar encontros na tarde de sexta-feira, para tentar agilizar a agenda, considerando que alguns líderes da União Africana só chegam à Etiópia neste sábado. Lula vai participar da cúpula da organização, também em Adis Abeba. O Brasil deve discursar e tem uma série de reuniões bilaterais agendadas com chefes de Estado africanos. O presidente vai tratar com outros líderes sobre cooperação, comércio, desenvolvimento e, novamente, tentar angariar apoio internacional para a reforma do sistema internacional de governança.

Presidente planeja renegociar dívidas de países da África

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) trabalha em um plano de renegociação de dívidas que países do continente africano têm com o Brasil.

Atualmente, nove países africanos têm pendências com Brasília. São eles: Moçambique, Congo, Senegal, São Tomé e Príncipe, Gâmbia, Mauritânia, Guiné-Bissau, Guiné e Zimbábue. Esses débitos somam atualmente US\$ 38 milhões (R\$ 1,3 bilhão, na cotação atual).

A proposta que vem sendo elaborada prevê uma renegociação que inclua abatimento de valores. Apenas o Zimbábue não deve ser contemplado, pois há avaliação de que a dívida do país é insolúvel.

A expectativa de auxiliares de Lula é que esses planos sejam tratados individualmente com cada país e sejam colocados em prática no segundo semestre, antes da cúpula de chefes de Estado do G20 no Brasil, em novembro. Um dos objetivos do Brasil é justamente usar essa ação como exemplo para pressionar nações desenvolvidas a adotarem medidas semelhantes. O plano foi confirmado à Folha por auxiliares de Lula no Palácio do Planalto. O presidente pretende discutir a ideia com alguns chefes de Estado daquele continente às margens da cúpula da União Africana em Adis Abeba, capital da Etiópia.

O assunto está sendo analisado pela equipe do Ministério da Fazenda, que estuda as condições para o possível parcelamento e os eventuais descontos em valores.

